

## Viação medieval na região setentrional do concelho de Lousada. Parte I - O Caminho da Agrela



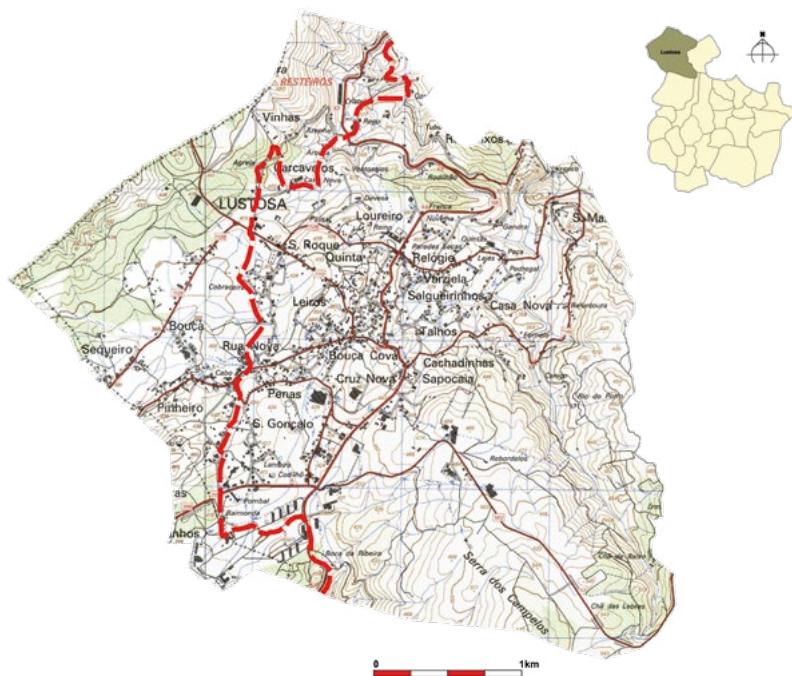
Muitas vezes decalcando a viação herdada do período romano, os caminhos medievais, independentemente da sua natureza – principal ou secundária, vicinal ou regional – tornaram-se elementos estruturantes da paisagem que emergiu da queda do Império e se teceu ao redor de extensas áreas rurais agricultadas, talvez o maior legado desta época. Como referiu Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *não existe paisagem agrícola alguma que não tenha estreitíssimas relações com os caminhos*. E será assim, também, nas terras de Lousada, na área mais setentrional do concelho, onde a perpetuação de traços vincados de ruralidade permitiu a manutenção de uma paisagem onde os vestígios dos velhos caminhos medievais perdurou até à contemporaneidade.

---

### Texto e Fotografia

Manuel Nunes  
Arqueólogo  
[manuel.nunes@cm-lousada.pt](mailto:manuel.nunes@cm-lousada.pt)

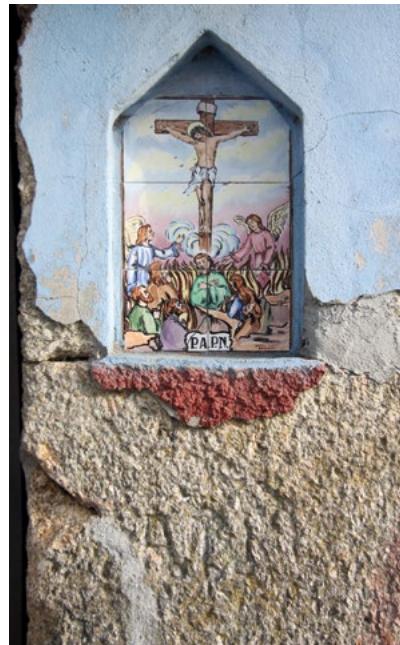
Paulo Lemos  
Arqueólogo  
[paplemos@gmail.com](mailto:paplemos@gmail.com)



**Figura 1** Traçado do caminho da Agrela (LUS41) na freguesia de Lustosa (ponto central: 41°19'55.4"/08°19'17.6"). Excerto da CMP, IGE. Escala 1:25 000. Folhas n.ºs 98 e 99.

São diversos os elementos ordenadores da paisagem medieval: as edificações militares, os templos, as povoações, mas sobretudo os caminhos. A propósito destes últimos, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1968:52) escreveu: *um caminho primitivo não foi simplesmente uma via de circulação e de transporte, uma artéria de comunicação, mas foi ainda o órgão da distribuição das terras, a base da repartição parcelar, o elemento essencial na distribuição ordenada do território*. Embora o território modele e condicione o traçado e a natureza das vias, são estas, em última instância, que definem os eixos estruturadores da paisagem, alinhando os espaços agricultados, determinando a incidência das unidades agrícolas e acompanhando, ou mesmo delineando, as fronteiras paroquiais (Nunes, 2009:66-67). E foi desde cedo que uma intrincada rede de caminhos estabeleceu a comunicação entre as comunidades do Entre-Douro-e-Minho, *permitindo o relacionamento das diversas povoações entre si e a ligação de cada uma delas com as terras cultivadas pelos seus moradores, quer nos sítios altos, quer nos aluviais* (Mattoso, 1986:183).

Independentemente da sua natureza, as vias medievais são profundamente influenciadas pela compleição dos terrenos que atravessam, quer seja no seu traçado, na sua constituição ou no seu aspeto (Almeida, 1968:50). Estas características, perfeitamente perceptíveis em zonas onde os caminhos preservam o traçado ou o piso primitivo,



**Figura 2** Alminhas de Carcavelos, em Lustosa (LUS39).



**Figura 3** Capela de São Roque, em Lustosa (LUS56).

permitem identificar os seus modelos e técnicas construtivas. Um dos aspetos mais notáveis destes caminhos foi a utilização frequente da pedra para obstar às vicissitudes impostas pela água que encharcavam as vias durante grande parte do ano. Por essa razão, muitas vias medievais ostentavam “calçadas intermitentes”, isto é, a calçada surgia apenas no piso que dela necessitava. *Enquanto os romanos evitavam as zonas lamacentas para a implantação das suas vias, era aí que os medievais construíam as suas calçadas, porque nesses lugares mais se fazia sentir a sua necessidade* (Almeida, 1968:136).

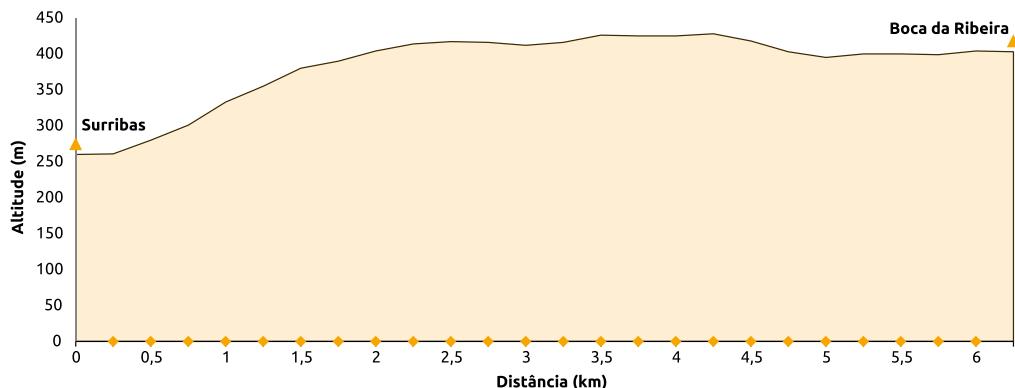
Se os fatores naturais determinaram os traçados e até a organização dos caminhos medievais, são frequentemente os elementos culturais que primeiro permitem a sua identificação na paisagem. Para além das evidências toponímicas, é a presença de cruzeiros e de alminhas que asseguram a existência de uma via em uso desde, pelo menos, o século XVI (Almeida, 2008:7). Por outro lado, as fontes e as pontes, tal como as unidades agrárias, algumas das quais rastreáveis na documentação medieval, fornecem informação valiosa que permitem esboçar traçados e cronologias. Os mosteiros, as igrejas, mas sobretudo as capelas, perpetuam velhos locais de passagem. O padre Carvalho da Costa (1706:380) refere que *Santiago de Lostosa foy Mosteiro, que reedificou a Rainha Dona Theresa & he sagrado* (não se conhecem na atualidade vestígios deste mosteiro, embora a memória das gentes de Lustosa o situe na vila de Paredes Secas, no pretense lugar da primeira igreja paroquial de Santiago de Lustosa, entre a Quinta do Reino e a Quinta da Franca). Ora sabendo que, durante longos anos,

os mosteiros asseguravam hospitalidade e assistência aos viandantes, é bem provável que este mosteiro (a ter existido) pudesse ter puxado para as suas imediações o traçado deste velho caminho (Nunes e Lemos, 2013:64).

## O Caminho da Agrela

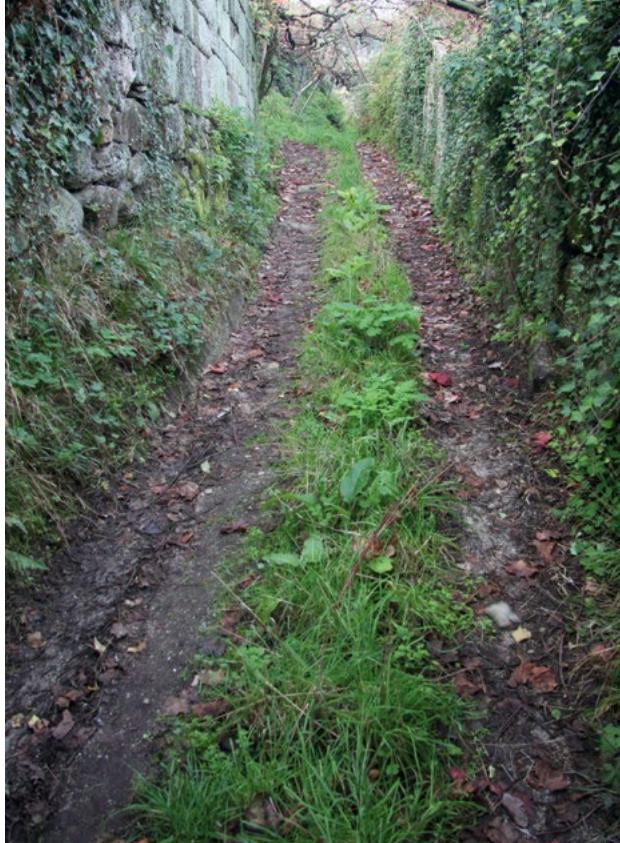
O Caminho da Agrela, cuja designação resulta da sua passagem pelo lugar da Agrela, onde o caminho, proveniente das terras baixas de Lustosa, alcança a Chã de Ferreira, corresponde a um troço do eixo viário, de caráter regional, que na Idade Média ligava Guimarães a Penafiel (Almeida, 1968:189-190) atravessando, de norte para sul, toda a freguesia de Lustosa numa extensão de 6,071 km. O caminho, que ligava o vale do Vizela ao vale do Sousa, através da portela do Mezo, tem uma orientação genérica norte-sul e decalca, em parte, a via romana que, de *Oculus*, seguia para Meinedo onde bifurcaria para *Tongobriga* e Valongo (Sousa, 2012:2). Como o caminho se depara com terrenos de média montanha, estes foram transpostos utilizando a encosta mais acessível e de pendor menos acentuado. Os declives mais acentuados ( $\geq 10\%$ ) foram transpostos com recurso a troços em linha quebrada que se dispõem obliquamente pela encosta de modo a permitir o tráfego da roda. Ainda assim, e porque 70% do trajeto do caminho se desenvolve em terrenos aplanados, com diminutas variações altimétricas (entre 395 m e 425 m), verifica-se que, no seu conjunto, o caminho apresenta um declive médio de 6,4%.

Outra das características deste caminho é o seu afastamento de zonas inundáveis, próximas dos leitos de cheia dos cursos de



**Gráfico 1**

Perfil altimétrico do Caminho da Agrela



**Figura 4** Troço entre muros e com lajeado do Caminho da Agrela no lugar de Carcavelos (Lustosa).

água ainda que subsistam duas passagens a vau ao longo do seu percurso: uma primeira, no ribeiro do Barroco, entre a Quinta de Surribas e a Quinta da Laje e uma outra, no rio Mezio, na Portela do Mezio. Em alguns dos troços verifica-se a presença de muros ladeando o traçado do caminho, cujo leito, nesses casos, assenta diretamente na rocha natural. Noutros casos, foi necessário fazer uso de lajeado para consolidar a estrutura viária. Subsistem vestígios de lajeado em três setores: junto à Casa de Carcavelos de Cima (troço com 7 m de comprimento e 2,5 m de largura), junto à Casa da Vinha (troço com cerca de 10 m de comprimento e 2,8 m a 3 m de largura) e no lugar de São Gonçalo (troço com 60 m de comprimento e 2,3 m a 2,5 m de largura). Estes lajeados são compostos por pedras de granito de média a grande dimensão, assentes diretamente sobre o terreno natural e com evidentes marcas de desgaste provocadas pelo trânsito de veículos de tra-



**Figura 5** Troço do Caminho da Agrela no lugar de Arouca (Lustosa)

ção animal. Na atualidade, cerca de 74% do caminho (4,441 km) continua a repousar diretamente sobre o solo natural, enquanto 26% do seu traçado se encontra asfaltado (Nunes e Lemos, 2013:66-67). Partindo da Quinta de Surribas, onde o caminho chegava proveniente da Carreira Chã, a via encetava a subida até à Chã de Ferreira passando a Quinta da Laje e a Quinta da Costa e encostando à Quinta de Cristelo. Alguns destes topónimos encontravam-se firmados já na Idade Média, no século XIII, como acontece com os lugares de Surribas e Cristelo onde se menciona a existência de diversos casais (PMH *Inq.*, 1258:560). Daqui o caminho subia à Quinta do Rego, atravessava a atual EN106 e, contornando a Quinta da Azenha, subia a ladeira, passando pela Quinta de Arouca e alcançando a encruzilhada entre os lugares de Carcavelos e Ventozelos. Se o primeiro topónimo é conhecido desde o século XI (PMH, *Dipl.*1049:227) o segundo, que era *villa*,

comportava já no século XIII, o casal de Ventozelos (PMH, *Inq.* 1258:560). Daqui o caminho contornava a fonte de Carcavelos, subia à Casa da Vinha em direção às Casas da Agrela onde subsiste o topónimo *Carral* (do baixo-latim *carrale*, “caminho de carros”). Da Agrela, o caminho passava pelas cercanias da atual Igreja de Santiago de Lustosa e da Capela de São Roque, estruturas que perpetuam locais de passagem antigos. Sendo a freguesia de Lustosa terra de evocação de São Tiago, foi entre os séculos XI e XII, como nas demais paróquias por todo o Entre-Douro-e-Minho, que o culto jacobeu aí se firmou (Cunha, 2001:139; PMH, *Inq.*1220:71), certamente congregandoromeiros ao longo da estrada que, de Penafiel seguia para Guimarães com destino a Braga para alcançar os principais caminhos de peregrinação rumo a Valença e Tui.

Por outro lado, o culto a São Tiago desde cedo se associou a outras devoções hagiográficas. É o caso de São Gonçalo e de São Roque. O primeiro, do século XIII o segundo, do século XIV, deram origem, tal como acontece na freguesia de Lustosa, a ermidas localizadas próximas dos caminhos de peregrinação jacobea (Cunha, 2001:139-142). Patrono dos caminhos, e em particular das pontes, São Gonçalo viu a sua ermida na freguesia de Lustosa ser erigida no alto de um esporão com ocupação da Idade do Ferro (Castro de São Gonçalo), enquanto São Roque, afamado por garantir passagem segura aos viandantes em travessias difíceis, teve a sua ermida construída na Chã de Ferreira, à entrada do planalto antes do caminho iniciar a subida a partir do vale do Vizela. O caminho, que mantinha uma cota regular, acima dos 400 m, prosseguia em direção à Cobraceira e ao lugar do Souto, mencionado em 1220 pelos inquiridores de D. Afonso II (PMH, *Inq.*1220:71). A partir do Souto, o caminho prosseguia para sul, passando a sudeste do monte de São Gonçalo encostando à raia da freguesia de São Pedro de Raimonda e contornando o Castro do Bufo (Sousela) (Nunes *et al*, 2008:203) a norte e a nordeste, para decalcar um pequeno troço da EN106 rumo à Portela do Mezio, na Boca da Ribeira, de onde prosseguia para sul, pela margem direita do rio, em direção ao Sousa, acompanhando a sucessão de vestígios romanos e medievais.



## Bibliografia

- Almeida, C.A.B.A.; Almeida, P.M.B. e Gonçalves, M.C.S. (2008). *Caminhos Antigos e de Peregrinação em Penafiel*. Penafiel: Museu Municipal.
- Almeida, C.A.F. (1968). *Vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação para a Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. (Policopiado).
- PMH *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones* (1220 e 1258). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.
- PMH *Portugaliae Monumenta Historica. Diplomata et Chartae*. (1049). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1868.
- Cunha, A.M.R. (2001). *Santiago em Portugal, a devoção e a peregrinação*. Vila Nova de Gaia
- Nunes, M.; Sousa, L. e Gonçalves, C. (2008). *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: CML.
- Nunes, M. (2009). A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *Oppidum* 3. Lousada: CML, p.47-74.
- Nunes, M e Lemos, P. (2013). *Lustosa, património e identidade*. Lustosa, Lousada.
- Mattoso, J.; Krus, L. e Andrade, A. (1986). *Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias*. Estudos Monográficos. Paços de Ferreira, pp.173-191.
- Sousa, L. (2012). Eixo viário romano Oculis - Tongobriga: sua presença no concelho de Lousada. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 13. N.º 94. Lousada: CML, p.1-4.

**Figura 6** Troço do caminho junto à casa da Agrela, em Lustosa (LUS47)